

CONSCIÊNCIA E VIVÊNCIA

CEZAR WAGNER DE LIMA GÓIS¹

Quando tomamos consciência de algo, imediatamente nos diferenciamos dele. Por isso, quando tomamos consciência de algo em nós, simultaneamente nos tornamos objeto de nós mesmos; perdemos a nossa corporeidade, mas somos capazes de realizar o caminho de volta.

A elaboração do real pelo ato reflexivo afastado das dimensões pré-reflexivas, deforma a existência em si-mesma, cuja essência está nas sensações do real. Por conseguinte, o ser se separa do real, ressurgendo como idéia ou espírito e fica impossibilitado de realizar o caminho de volta à sua natureza animal.

Ao subordinar a vivência à consciência (dissociando a reflexão da pré-reflexão), estamos reforçando a patologia básica de nossa civilização, a que nega o corpo e glorifica o espírito. O sagrado e o profano como existência são dualizados, sendo reprimida a naturalidade corpórea e a espontaneidade animal. Dividimos o ser e rompemos com a sua essência. Bloqueamos as expressões de nossos instintos e fabricamos um ser moral e ideal.

Merleau-Ponty, citado por Marilena Chauí (1984), "propõe o retorno às origens da própria reflexão e descobrir seu solo anterior à atividade reflexiva e responsável por ela. Essa região é o 'logos do mundo estético', isto é, do mundo sensível, unidade indivisa do corpo e das coisas, unidade que desconhece a ruptura reflexiva entre sujeito e objeto".

Para unir o reflexivo à sua origem, à pré-reflexão, Merleau-Ponty⁽²⁾ propõe a vivência da corporeidade e diz: "O corpo apresenta aquilo que sempre foi apanágio da consciência — a reflexividade. Mas apresenta, também, aquilo que sempre foi apanágio do objeto — a visibilidade. O corpo é um visível que se vê, um tocado que se toca, um sentido que se sente".

¹ Professor do Departamento de Psicologia da UFC e Vice-Presidente da Associação Latino-Americana de Biodança.

² OP. CIT. Chauí, M.; Os Pensadores, pág. XI.

A experiência corporal é origem e base de um mundo sensível, "... selvagem e bruto, de onde emergem as categorias reflexivas" Chauí (1984).

Quando reprimimos a expressão do nosso mundo instintivo, estamos retirando o sustentáculo da reflexividade, dissociando corpo e mente, negando a intersubjetividade como intercorporeidade.

Para Toro (1980), o homem é um ser fronteiro. Para Chauí (1984), o homem é um "ser de abismo" quando descobre o selvagem que há em si. O homem tende à manifestação do selvagem até os limites de sua própria possibilidade e infinitude; "... não pode ficar encerrado, mas se manifesta e se ultrapassa numa modificação infinitamente aberta e nova" (Chauí, 1984).

Toro (id.), falando sobre a patologia da civilização ocidental, afirma ser ela consequência da repressão ou negação da vivência pela consciência. O mundo corporal, sensível e real, é algemado e encarcerado em rígida subordinação à consciência. Por outro lado, essa, necessariamente, só pode manifestar-se como totalidade que abarca, expressa e integra o ser, quando se enraiza na naturalidade corpórea e na espontaneidade animal. Somente assim a consciência é o guia do selvagem no mundo e não sua carcereira.

Guiar o selvagem no mundo não é uma tarefa fácil de ser empreendida por qualquer ser humano, haja vista, por um lado, as magnas estruturas de consciência da civilização atual e, por outro lado, o pavor cósmico de cada ser humano frente ao caos e à incerteza da sua própria vida.

A consciência predomina e reprime qualquer possibilidade de expressão do selvagem, do mundo instintivo humano. O corpo é negado, a expressão emocional reprimida em seus canais naturais e os instintos retirados do homem social.

A chance de manifestar-se a natureza humana em sua trajetória pela vida, sucumbe frente às distorções e rupturas provocadas no indivíduo por sua própria consciência, moldada na separação entre real e ideal.

Bloqueada sua potencialidade o ser apavora-se frente à tecitura da vida, na qual ele é uma pequeníssima parcela de incerteza no devir cósmico, gerada no caos de um Universo harmônico. O selvagem, necessário à caminhada reticular do homem em busca de um lugar no mundo, não se manifesta, tornando o homem fraco e insensível num viver estéril e vazio.

Fortaleza, 25 de junho de 1985

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, MARILENA — *Apresentação sobre Merleau-Ponty*, coleção Os Pensadores, Abril Editora, 1985, S. P.

TORO ROLANDO — *Textos de Biodança*, Escola Nordestina de Biodança, 1982, CE.